



## O FEMINISMO NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS: UMA EDUCAÇÃO PARA A IGUALDADE DE GÊNERO<sup>1</sup>

**Ana Daniele Mendes Carrera; Mayanne Adriane Cardoso de Souza; Lucélia de Moraes Braga Bassalo**

*Pedagoga e Mestranda em Educação. Universidade do Estado do Pará – [daniuepa12@gmail.com](mailto:daniuepa12@gmail.com); Pedagoga e Mestranda em Educação. Universidade do Estado do Pará – [mayanneadriane@gmail.com](mailto:mayanneadriane@gmail.com); Doutora em Educação e Professora do Programa de Pós – Graduação em Educação. Universidade do Estado do Pará – [lbassalo@uol.com.br](mailto:lbassalo@uol.com.br)*

### Resumo

Este artigo objetiva compreender a importância dos estudos culturais para os estudos feministas e/ou de gênero na educação, a partir de uma abordagem qualitativa e de um estudo bibliográfico, promovendo o diálogo entre conceitos e narrativas dos estudos culturais, com o campo de gênero e feminismo, tendo em vista a construção de uma educação pautada no respeito e na igualdade entre os gêneros. Os Estudos Feministas acompanha os estudos culturais na perspectiva da inclusão de questões relativas a gênero, identidade, sexualidade e raça nas aulas, priorizando a desconstrução dos estereótipos sociais e dos papéis de gênero. Os Estudos Feministas ao lado dos Estudos Culturais oportuniza uma reflexão sobre a educação sexista que persiste até os dias atuais no Brasil.

**Palavras-Chave:** Feminismo. Estudos Culturais. Educação.

### Introdução

O presente artigo está organizado em três momentos: o primeiro faz uma breve discussão sobre o feminismo dentro dos estudos culturais. O segundo traz à baila os resultados e discussões dos estudos culturais e feministas para a educação. E o terceiro sendo a conclusão a partir do diálogo entre essas teorias. Levando em consideração a premissa de que dentro dos estudos culturais o que prevalece é a construção de interpretação e de compreensão de mundo de forma histórica e subjetiva. Objetiva-se compreender a importância dos estudos culturais para os estudos feministas e/ou de gênero na educação, bem como, contribuir para as discussões e futuras pesquisas nesta temática.

Os estudos culturais oferecem aos profissionais da educação a possibilidade de repensarem a sua *práxis* de modo que oriente o processo de escolarização de forma multidisciplinar através de temáticas sociais que devem ser debatidas nas instituições de ensino, e acabam ficando excluídas por possuir um currículo engessado e que reafirma as histórias eurocêntricas e patriarcais, tais como: gênero, sexualidade, raça, identidade cultural e outros. Por conseguinte, os estudos feministas nos auxiliam na estruturação de um currículo que enfrente as desigualdades na

---

<sup>1</sup> Trabalho curricular, apresentado na disciplina de Epistemologia e Educação do Programa de Pós – Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Mestrado/UEPA.



perspectiva de gênero e debata essas temáticas que ficam invisibilizadas, apagando vozes e histórias daquelas consideradas como minoria.

## Uma breve discussão sobre Feminismo e Estudos Culturais

O feminismo como movimento social surge a partir das ideias iluministas, da Revolução Francesa e da Americana e se espalha, mobilizando mulheres da Europa, Estados Unidos e logo na América Latina chamando atenção sobre o caráter político da opressão vivenciada de forma privada, identificada apenas como algo pessoal.

O movimento significou uma redefinição do poder político e da forma de entender a política ao colocar novos espaços no privado e no doméstico. Sua força está em recolocar a forma de entender a política e o poder, de questionar o conteúdo formal que se atribuiu ao poder e as formas em que é exercido (COSTA, 2009. p. 53)

No feminismo questionam-se os sistemas culturais e políticos construídos através dos papéis de gênero que foram atribuídos historicamente às mulheres, e às noções de público e privado mantidas pela sociedade patriarcal eram discutidas, assim como a autonomia das mulheres.

Nos anos 70 com a emergência de várias subculturas e com a eclosão dos estudos culturais, as pesquisas se concentravam na “resistência” sobre alguns aspectos da estrutura dominante de poder contribuindo para a constituição de uma identidade coletiva. Nessa mesma época o movimento feminista estava fervoroso em torno das diferenças de gênero e com a ideia principal de “resistência”, o feminismo torna-se um dos grandes movimentos que alterou as práticas dos estudos culturais, através da sua ruptura teórica. Com isso, o movimento feminista nos estudos culturais destaca-se nos seguintes aspectos:

a abertura para o entendimento do âmbito pessoal como político e suas consequências na construção do objeto de estudo dos estudos culturais; a expansão da noção de poder, que, embora bastante desenvolvida, tinha sido apenas trabalhada no espaço da esfera pública; a centralidade das questões de gênero e sexualidade para a compreensão da própria categoria “poder”; a inclusão de questões em torno do subjetivo e do sujeito e, por último, a “reabertura” da fronteira entre teoria social e teoria do inconsciente- psicanálise (ESCOSTEGUY, 2001. p. 31).

Há alguns autores que abordam o feminismo como um movimento político e teórico nascido dentro dos estudos culturais na Inglaterra, contudo questiona-se essa fala, pois na década de 70 as questões em torno das diferenças de gênero já eram reivindicadas pelas mulheres. “A preocupação original deste coletivo era ver como a categoria ‘gênero’ estrutura e é ela própria estruturada nas formações sociais” (ESCOSTEGUY, 2001. p. 33).

Os estudos culturais britânicos são vistos por dois viés, o político através do surgimento de vários movimentos sociais, sendo o feminismo o mais presente na época, e o teórico por constituir um novo campo de estudo. É importante esclarecer que os estudos culturais não se configuram em



uma disciplina, mas sim em um campo interdisciplinar com uma multiplicidade de objetos de investigação, com métodos e técnicas que auxiliam na compreensão dos fenômenos a partir do trabalho qualitativo. “Os estudos culturais ressaltaram os nexos existentes entre investigação e formações sociais onde se desenrola a própria pesquisa” (ESCOSTEGUY, 2001. p. 27).

Pode-se verificar uma conexão parecida dos estudos culturais e feminismo da Inglaterra com o da América Latina, pois a atenção é voltada aos meios de comunicação de massa, como a televisão, tendo um enfoque na espectadora feminina, debatendo sobre as preferências em termos de gêneros, o controle da programação no ambiente doméstico, entre outros. Contudo no território latino-americano “a preocupação em torno da condição da mulher se dão em referência a um contorno mais amplo, sobretudo, o de classe social” (ESCOSTEGUY, 2001. p. 56).

Assim, nos anos 80 começou a se recusar a universalização da mulher, ou seja, primeiro as preocupações feministas estavam centradas nas questões de igualdade, e posteriormente passa-se a priorizar as diferenças entre mulheres. Segundo Escosteguy (2016) a televisão foi o ponto de encontro para as pesquisas dos estudos culturais e feministas, pois até então vinham sendo feitos estudos que valorizavam telenovelas e outros gêneros considerados mais 'femininos'.

## **Resultados e discussões**

Segundo Giroux (1995. p. 86) “os estudos culturais estão profundamente preocupados com a relação entre cultura, conhecimento e poder” através de rupturas sociais e práticas de resistências, por isso a sua importância na educação, pois as escolas produzem e/ou reproduzem as noções de identidade cultural e nacional, podendo reproduzir um espaço que reforça os modelos eurocêntricos e patriarcais, que reforça as desigualdades entre os sujeitos sociais através do currículo e dos discursos dos profissionais de educação.

Para os Estudos Culturais, a educação gera um espaço narrativo privilegiado para alguns/algumas estudantes e, ao mesmo tempo produz um espaço que reforça a desigualdade e a subordinação para outros/as. Corporificando formas dominantes de capital cultural, a escolarização frequentemente funciona para afirmar as histórias eurocênicas e patriarcais, as identidades sociais e as experiências culturais dos/as estudantes de classe média, ao mesmo tempo que marginaliza ou apaga as vozes, as experiências e as memórias culturais dos/as assim chamados/as estudantes da “minoría” (GIROUX, 1995. p. 86).

Os estudantes ainda possuem poucas oportunidades de estudar as questões amplas da sociedade de forma interdisciplinar, o currículo continua por vezes defasado organizado apenas em disciplinas trabalhadas separadamente, o que está em desacordo com os objetivos dos estudos culturais. Os professores por sua vez, acabam deixando de lado essa formação mais social e se preocupam em repassar apenas os conteúdos para as avaliações por falhas na formação ou pelo sistema educacional vigente que preza os conhecimentos das classes dominantes enquanto nega as



“minorias”. “Os estudos culturais estão menos preocupados com questões de certificação e avaliação do que com a forma como o conhecimento, os textos e os produtos culturais são usados” (GIROUX, 1995. p. 88).

A tradição dominante favorece a contenção e a assimilação das diferenças culturais, em vez de tratar os/as estudantes como portadores/as de memórias sociais diversificadas, com o direito de falar e de representar a si próprios/as na busca de aprendizagem e de auto-determinação (GIROUX, 1995. p. 85).

Segundo Giroux (1995) os estudos culturais não são vistos com bons olhos pelos educadores conservadores, e nem os estudos feministas e/ou de gênero, pois as suas ideias vão de contra com os interesses políticos vigentes, os quais silenciam as diferenças. Reconhecer as minorias e lutar pelo reconhecimento das suas histórias e experiências é uma das finalidades desses estudos na educação e trazer isso para o processo de escolarização seria modificar os currículos e implantar discussões para uma formação não apenas acadêmica e sim social.

Segundo Arnot (1996) a meta do feminismo em termos educativos é oferecer uma educação igualitária para meninos e meninas, igualdade no acesso, no tratamento em sala de aula e na escolarização como um todo. “Todos/as tendemos a acreditar que uma tal igualdade na educação removerá as desigualdades de gênero da sociedade, se não imediatamente, certamente a longo prazo (ARNOT, 1996. p. 210).

A educação sexista reproduz a forma que cada gênero deve se comportar, negando a sexualidade das meninas e estimulando a dos meninos. A escola deve dar conta da diversidade e favorecer o desenvolvimento pleno do ser humano visando à superação das desigualdades e o fim da violência de gênero. O ideal da educação é sempre ampliar possibilidades e romper barreiras simbólicas que colocam os sujeitos em relações desiguais.

Neste sentido, pode-se afirmar que “os Estudos Culturais rejeitam, energeticamente, o pressuposto de que os/as professores/as são simplesmente transmissores/as de configurações existentes de conhecimento” (GIROUX, 1995. p. 92), ele coloca o professor como um ser público e responsável que deve estar comprometido com as questões sociais ou para formar novos professores, nas faculdades de educação ou formar jovens para viver e compreender a sociedade de forma igualitária sem preconceito ao gênero e a diversidade sexual, através de uma pedagogia pautada nos significados, sentidos e valores.

Os estudos culturais e feministas são criticados severamente pela parte conservadora da sociedade, as quais tentam barrar quaisquer iniciativas que propõem discutir questões de gênero nas escolas, como os atuais debates em torno da “escola sem partido” e da exclusão dos termos



“diversidade sexual” e “identidade de gênero” da base nacional comum curricular, as quais alegam ser uma intervenção nos valores familiares. Contudo, pensa-se que a discussão de gênero é essencial nas escolas e universidades, pois diz respeito à esfera pública e a viver uma vida sem violência. Debate caracterizado como urgente em um dos países que mais mata mulheres, gays e travestis por questões de gênero, como é o caso do Brasil.

### Conclusão

A partir da construção deste estudo, percebe-se que os Estudos Culturais e os de Gênero e/ou Feministas caminham lado a lado quando se trata em estudar as resistências. Estudar as histórias das minorias, das camadas populares e de temáticas que envolviam raça, gênero e sexualidade ganharam força na Inglaterra pelo forte movimento feminista que eclodia na época e logo se espalhou até a América Latina.

Construir um pensamento entre os estudos culturais e o feminismo para a educação não foi fácil, pois poucas são as pesquisas que envolvem essas duas temáticas na área educativa. Então a princípio foi necessário fazer o diálogo desse campo com o feminismo, haja vista, que o movimento feminista teve grande importância na constituição do próprio estudos culturais, se tornando um dos objetos de pesquisa e porta de entrada para a constituição de novas investigações.

É de suma importância que se aplique os princípios dos estudos culturais e feministas para uma educação contra hegemônica, para modificar a escolarização que até hoje nega as diferenças dentro das salas de aulas. O currículo escolar precisa ser dialogado entre os profissionais da educação, os cursos de formação de professores também precisam ser reorganizados para atender as novas demandas da sociedade e se tornar cada vez mais inclusivo.

Acrescentar os estudos de gênero é essencial. Acabar com o sexismo nas instituições de educação deve ser prioridade, a educação tem que estar pautada no respeito às diferenças e na igualdade de direitos para a construção de uma sociedade menos desigual e que ao invés de excluir e segregar possam acolher mulheres, negros, gays, travestis e transgêneros combatendo os altos índices de violência que estes sujeitos sociais sofrem.

### Referências

ARNOT, Madeleine. *Valores Feministas e Educação Democrática: repensar a igualdade e a diferença*. Educação, Sociedades e Culturas. Nº 5. 1996. p. 209-231.



COSTA, Ana Alice Alcântara. *O Movimento Feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política*. In: **Olhares Feministas**. p. 51-82. 2009.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. *Cartografias dos Estudos Culturais - Uma versão latino – americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

\_\_\_\_\_. *Uma introdução aos Estudos Culturais*. Revista FAMECOS. Porto Alegre. n° 9, 1998.

\_\_\_\_\_. *Stuart Hall e feminismo: revisitando relações*. Revista Matrizes. V.10 - N° 3 set/dez. p. 61-76 São Paulo, 2016.